

## GUERRA E PAZ

Fiquei pensando uma porção de coisas depois de ler esse livro, da Biblioteca do Exército, em que o cel. Lavaquial Biosca conta os trabalhos do Serviço de Intendência da Divisão Brasileira que ele chefiou na Itália. Trabalhos complexos, resumidos na fórmula — "pagar, fardar, alimentar, transportar e sepultar" os soldados. Voltam à nossa lembrança aqueles caminhões de 2 e meia toneladas avançando em estradas tortuosas, fuçando a lama ou deslizando no gelo, da retaguarda para a frente e da frente para a retaguarda, dia e noite.

Numa guerra em que a linha de comunicações, a estrada 64, era paralela e não perpendicular ao front, e enfiada, quase toda, pela vista e fogos do inimigo, sempre batendo a entrada de Pistoia, a ponte de Silla, o by-pass de Marano, a tarefa da Intendência era particularmente dura e exaustiva. Depois da lama e da neve houve outro inimigo que o coronel Biosca não lembrou no relato das amarguras dos motoristas da Intendência: a poeira terrível nos caminhos de Zocca e Vignola, no começo da primavera, poeira mais densa e assassina que o pior nevoeiro. Não esquecerei esses caminhões cegos, roncando entre abismos, passando às vezes entre ruínas de onde nos vinha o mau cheiro dos animais e homens mortos, invisíveis naquela escuridão amarelada.

Esse livro, objetivo e impessoal, dá conta das dificuldades e também dos erros iniciais — alguns deles fruto de uma péssima preparação no Brasil, onde os entraves naturais eram agravados pela displicência ou sabotagem de uma máquina burocrática entre cujos chefes mais altos não faltava aquele amor ao nazismo que a certa altura tinha feito pulsar o coração do próprio Ditador. Detalhes aparentemente insignificantes, como a falta de cozinheiros e motoristas capazes, trouxeram problemas graves que tiveram de ser resolvidos em plena campanha. É honrosa para nossa Intendência e seu chefe a forma pela qual os superou, e a muitos outros que iam surgindo ao sabor das necessidades e revezes da guerra.

Um paisano tão profundamente paisano como eu não traz da guerra apenas lembranças de tristezas, misérias e privações. As vezes nos surpreendemos, em meio à moleza da vida civil, e nesse ramerrão frouxo e anarquizante de nossa vida brasileira, com uma nostalgia desse jeito direto e concreto com que as necessidades obrigam a organização militar a enfrentar certos problemas. Noventa e nove por cento dos bares e cafés do Rio não têm instalações sanitárias tão limpas como qualquer pequena unidade que acabava de acampar em algum canto dos Apeninos. Eu pediria, para esses motoristas tão alucinados dos lotações e ônibus e "rabos-de-peixe" do Rio, acostumados a desrespeitar todas as regras e a passar "bola" a quase todos os guardas, a fiscalização de alguns policiais militares inflexíveis e com verdadeira autoridade tanto diante dos soldados como dos oficiais. Por que o que se faz na guerra em um abrir e fechar de olhos — a construção de uma ponte, a abertura de uma estrada o transporte de intermináveis toneladas de material e viveres, reclama, na paz, semanas e meses de conversa fiada? Como é possível, em meio à neve e às granadas, estabelecer, minuto a minuto, o horário preciso de um comboio de material — e é impossível, através dos anos de paz, conseguir que neste país um trem chegue ao destino em seu horário?

É a excessiva moleza de vida nacional — quanta gente importante paralisada, semanas à fio, coçando a cabeça, enquanto os problemas se avolumam, à espera de alguma palavrinha de uma indolente excelência que fuma seu havara, e cujo maior problema parece ser saber se deve descansar em Petrópolis ou Araxá — é essa deprimente lentidão com que se conserta o menor buraco da rua, que nos dá às vezes a nostalgia da eficiência militar. Eficiência, aliás, que não vem da educação ou da organização militar, mas da própria guerra — pois em tempo de paz muitos coronéis e generais se mostram mais palermas ou frívolos do que os mais líricos poetas...

14.4.51 R. B.

427